

1. Introdução

O lugar de um maior ou menor destaque dado à interpretação em psicanálise será o objeto desta pesquisa. Com este intuito, pretendemos nos deter em Sigmund Freud e em Donald W. Winnicott, mais precisamente, no que diz respeito à técnica nestes dois autores.

As formações em Letras e em Psicologia e, mais precisamente, a prática como tradutora – além do grande interesse pela psicanálise – foram os responsáveis pela escolha deste tema. Obviamente, a questão da interpretação apareceu com grande relevância nas duas práticas.

Uma vez que a interpretação já é, por si só, um tema extremamente amplo e complexo, optamos por não nos determos na questão da prática tradutória no presente trabalho. No entanto, pretendemos fazer alguns paralelos entre psicanálise e tradução, uma vez que – dependendo do uso e do peso que se dá à interpretação – esta última pode se aproximar menos ou mais de uma tradução.

Apesar de a interpretação em Freud estar muito centrada no sonho, o nosso intuito não é o de nos determos aí. Com esta pesquisa, pretendemos abordar questões relativas à interpretação de sonhos, mas também de sintomas e de fantasias.

Em Winnicott, por outro lado, a interpretação deixa de ter o papel central que ocupa na teoria freudiana. O *holding*, o *handling*, e o *setting*, entre outros, serão os conceitos de maior relevância aqui e, conseqüentemente, um peso maior lhes será dado nesta prática.

Além disso, questões como que tipo de pacientes a interpretação pretende atingir, ou em que momentos do tratamento ela parece ser eficaz, também serão examinadas.

Assim, o nosso foco de interesse neste trabalho é o diferente olhar e peso dado à interpretação em psicanálise.

Com Freud, estudaremos de perto a questão da interpretação em uma psicanálise mais clássica, que a utiliza como o instrumento da técnica por excelência. Além disso, o fato de a interpretação na psicanálise freudiana estar prioritariamente dirigida ao Édipo também nos parece ser merecedor de atenção.

Que conseqüências traria esse tipo de olhar na prática? Como se daria a questão da subjetivação baseada em uma teoria que partiria do princípio da

universalidade do Édipo e que, assim sendo, não conceberia nenhuma outra maneira segundo a qual o sujeito poderia vir a se constituir?

O privilégio dado à interpretação na psicanálise freudiana clássica nos leva a uma aproximação com a hermenêutica: a interpretação é central aí, uma vez que o seu objeto de estudo é a investigação do sentido.

Um outro olhar nos é fornecido por Winnicott que poderia ser considerado um dos grandes representantes de uma psicanálise que privilegiaria o *setting*. Aqui, a interpretação não seria descartada, mas utilizada juntamente com o manejo e – como veremos – o *ambiente* e a noção de *transicionalidade*, entre outros, passam a ser de extrema importância. Assim, não se trataria aqui de descartar totalmente a interpretação. Esta seria utilizada, sim, mas deixaria de ocupar na técnica o lugar central.

Talvez por ter se detido em momentos muito mais precoces do desenvolvimento humano, a interpretação em Winnicott não remete necessariamente ao Édipo. Este seria, sem dúvida, um outro ponto de muita importância no que diz respeito às visões desses dois grandes representantes da psicanálise.

Algumas das idéias de Sándor Ferenczi permearão esta pesquisa, uma vez que, acreditamos, podem em muito enriquecer este trabalho.

Ferenczi aponta para as limitações e para a insuficiência da técnica adotada em uma psicanálise mais clássica. Nós o inserimos neste trabalho, como mais um autor a dialogar ora com Freud, ora com Winnicott.

Certamente, esses dois olhares trazem contribuições muito ricas à clínica e consequências na prática analítica bastante diversas também.